

LUIZ
ALFREDO
GARCIA
- ROZA CÉU DE
 ORIGAMIS



Copyright © 2009 by Luiz Alfredo Garcia-Roza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa:
Elisa v. Randon

Foto do autor:
Anaïk von der Weid

Foto de capa:
Renata Ursaiá

Preparação:
Maria Cecília Caropreso

Revisão:
Valquíria Della Pozza
Márcia Moura

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garcia-Roza, Luiz Alfredo
Céu de origamis / Luiz Alfredo Garcia-Roza. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1567-9

1. Ficção policial e de mistério (Literatura brasileira)
i. Título.

09-10337

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura brasileira 869.93

2009

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

1

Sete da manhã. Desligou o despertador, cobriu o rosto com o travesseiro e ficou atenta à silenciosa movimentação do marido. Ele nunca se levantava ao acordar. Não de todo. Permanecia por dois ou três minutos sentado na cama, pés no chão, cotovelo apoiado na perna, mão em concha servindo de apoio à cabeça. Quem o visse naquela posição acreditaria que tinha voltado a dormir. Passado esse tempo, ela mais sentia do que ouvia a movimentação dos pés tateando o chão à procura dos chinelos para em seguida ele se levantar e se dirigir ao banheiro na semiescuridão do quarto. Ela continuava com o rosto coberto pelo travesseiro, reproduzindo de memória cada gesto que o marido fazia todas as manhãs. Percebeu-o saindo silenciosamente do quarto, fechando a porta com cuidado para que nenhum barulho externo viesse perturbá-la. Sabia ainda que no banheiro ele estaria urinando de modo que o jato de urina incidisse sobre a louça e não sobre a água, também para não incomodá-la. Depois de lavar o rosto e escovar os dentes ele prepararia o café da manhã, que tomaria enquanto lia o jornal para voltar a fazer uso da privada antes de tomar banho. A barba era a última coisa. Os sons abafados vindos do banheiro indicavam que o processo estava em sua fase final e que tudo acontecera do modo e na sequência que ela previra. Como de hábito, ele tinha deixado de véspera no quarto de hóspedes a roupa que usaria naquele dia. Cuidados para não perturbar o sono da mulher àquela hora da manhã (embora ela própria considerasse que com o tempo despendido pelo marido com as ablucões, o café,

a leitura do jornal, o banho e a barba, já não seria mais tão cedo assim). Imaginou-o saindo de casa sem fazer barulho, aliviado por não precisar mais policiar cada gesto e cada movimento, sentindo-se alegre com o novo dia — tanto quanto lhe era possível sentir-se alegre. Certamente não estaria triste, e nem havia motivo para tal, já que nada contrariava a perspectiva de uma série de dias iguais aos precedentes. Era o que ela imaginava, ainda na cama. Não tinha escutado o ruído da porta do apartamento se fechando, mas sabia que o marido saíra, o silêncio de sua ausência era qualitativamente diferente do silêncio de quando estava em casa.

Estava desperta havia quase uma hora quando decidiu se levantar. Na cozinha, escolheu algumas frutas, iogurte, cereais e preparou seu café da manhã enquanto passava os olhos pelo jornal que o marido deixara cuidadosamente dobrado. A primeira página ela achava parecida com noticiário de guerra; a parte dedicada à política e aos políticos causava-lhe repugnância; não se interessava por economia nem por esporte; restava o caderno cultural, com suas mirradas páginas. Ler o jornal pela manhã era algo que ela fazia mais por hábito do que por real interesse. Quase sempre deixava de lado a leitura antes de terminado o café. Continuou sentada à mesa da copa bebericando o pouco que restara na xícara, tentando adivinhar quanto de azul havia no céu, já que a única vista da janela era o pátio interno formado pelos fundos dos prédios vizinhos, e a ela interessava apenas saber se o dia estava nublado ou ensolarado. Não gostava de sol. Tinha a pele clara e sensível, preferia as esteiras da academia de ginástica às caminhadas pelo calçadão da praia de Copacabana. Ainda com a xícara na mão, foi até a janela da sala e abriu as persianas. Apesar de ter a praia próxima a ponto de ouvir à noite o barulho das ondas, não tinha vista para o mar. Para olhar o céu, precisava fazer uma torção de corpo. O apartamento, no terceiro andar de um prédio alto numa rua estreita toda ela de prédios do mesmo gabarito, exigia dela esse esforço. Não se queixava do bairro, gostava de

morar no Leme, mas seu sonho era se mudar para um apartamento na avenida Atlântica de frente para o mar. Para isso, bastaria contornar a quadra. Sabia, no entanto, que essa pequena volta de algumas dezenas de passos levaria ainda algum tempo para ser feita. Voltou à copa e enquanto lavava a louça do café programava as atividades do dia. Academia de ginástica pela manhã, cabeleireiro à tarde, jantar com amigos. Frivolidades, pensou. Frivolidades necessárias.

Conforme disse depois para o policial que a atendeu, passava das sete da noite quando ligou para o consultório do marido para lembrá-lo do jantar. Ninguém atendeu. Ligou para o celular. Uma gravação dizia que o aparelho estava desligado ou fora de área. Às oito imaginou algum problema com o carro, ou que o trânsito estivesse interrompido por conta de alguma obra. Às nove obteve a informação do serviço de trânsito de que não houvera nenhum acidente no trajeto indicado por ela. Às nove e quinze ligou para a portaria do consultório do marido e lhe disseram que ele tinha saído por volta das sete horas. Eram dez. Telefonou para os amigos se desculpando por não poder comparecer ao jantar e depois para o corpo de bombeiros indagando se haviam feito algum atendimento com ambulância no bairro de Copacabana. Em seguida, ligou para a emergência do Hospital Miguel Couto. A última chamada foi para a delegacia de polícia e para a PM informando a marca do carro, a cor e o número da placa. Pouco antes de uma da manhã, o interfone tocou. Era o porteiro dizendo que um policial fardado chegara num carro da polícia e queria falar com dona Adriana Rosalbo.

— Dona Adriana?

— Sim.

— Sou o tenente Ramos, do 19º BPM. Fui encarregado de fazer o registro da ocorrência.

— Encontraram o carro do meu marido?

— É isso que gostaríamos que a senhora confirmasse.

— O carro está acidentado? Meu marido está ferido?

— Não houve acidente, senhora.

— Como assim? Onde vocês encontraram o carro?

— Aqui embaixo, na garagem do seu prédio.

Adriana desceu e encontrou uma patrulha da PM estacionada em frente ao edifício e dois policiais conversando com o porteiro. Um deles se apresentou.

— Boa noite, dona Adriana, sou o tenente Ramos.

— E meu marido? Onde está?

— Pensei que estivesse em casa...

— Como, em casa? E que história é essa de o carro estar na garagem?

— Foi o que acabamos de constatar. Viemos colher alguns dados com a senhora e o porteiro nos disse que o carro do doutor Marcos estava na garagem. Fomos verificar e constatamos que está mesmo.

Desceram os três: o porteiro, Adriana e o tenente, que apontou para o carro estacionado.

— É aquele?

O carro estava na sua vaga, em perfeito estado, as portas fechadas, a chave na ignição e os documentos no porta-luvas. Ninguém vira o carro entrar e estacionar na vaga que lhe era reservada.

— Ele pode ter saído pela porta da garagem?

— Pode. Ela abre por dentro.

Adriana olhou para o porteiro e para o tenente, sem saber o que dizer. Apenas murmurou:

— E meu marido?